



# Percepção do Coração

Caros amigos,

Dizem que Ramdas Swami, guru de Shivaji, narrava o Ramayana tão divinamente que o próprio Hanuman se disfarçava a fim de poder assistir e ouvir as sessões. Durante uma delas, Ramdas descreve o momento em que Hanuman vê Sita pela primeira vez, após ela ter sido feita prisioneira e desaparecido. Ele a encontrou sentada no jardim de Ravana, rodeada de flores brancas.

Ao ouvir a história, Hanuman, que encontrava-se completamente absorvido nela, foi subitamente surpreendido. Largando seu disfarce, levantou-se e disse: “Senhor, tenho escutado sua narrativa com grande prazer, pois não há nada que mais me agrada do que ouvir histórias sobre o meu Senhor, mas lamento informá-lo de que há um detalhe incorreto. As flores no jardim da Ravana não eram brancas como o senhor descreveu, e sim *vermelhas*. Tenho certeza disso, pois estava pessoalmente lá e vi com meus próprios olhos.”

A beleza da narrativa de Ramdas é que ele era dotado de uma visão divina. Ele não estava apenas recontando o Ramayana, como tantas pessoas fazem, ele o viu em primeira mão, como Sanjaya no Bhagavad Gita, e descrevia o que viu. Com a confiança que acompanha

tais habilidades perceptivas, Ramdas explicou a Hanuman que ele provavelmente não se lembrava bem desse detalhe, pois as flores eram de fato brancas.

“Então vamos levar esse assunto ao Senhor Rama”, declarou Hanuman, e partiram voando.

Depois de ouvir as duas opiniões, o Senhor Rama disse: “Sinto muito, mas não consigo resolver a disputa de vocês, pois não estava presente na ocasião.”

Eles se afastaram da presença de Rama e Hanuman disse: “Vamos visitar a Mãe Sita. Ela poderá confirmar que as flores eram vermelhas.”

Eles explicaram o assunto a Sita, que disse: “Ramdas, diga a verdade; as flores eram totalmente brancas e de forma alguma vermelhas.”

“Como é possível?” perguntou Hanuman. “Eu vi com meus próprios olhos que as flores eram vermelhas.”

“Sim, você as enxergou vermelhas,” explicou Sita, “mas naquela época sua visão estava ofuscada pela raiva, quando descobriu que eu era prisioneira de Ravana. Por isso as flores brancas lhe pareceram vermelhas.”

Hanuman estava tão bravo que sua raiva havia alterado sua visão. Até as flores brancas pareciam arder. Ele havia entrado momentaneamente em estado de *maya*, de ilusão, e assim percebeu o real como irreal e o irreal como real. Era um estado de entendimento equivocado causado por um pensamento incorreto.

Da mesma forma, suponha que um viajante temeroso esteja caminhando sozinho à noite. Ele percebe um pequeno vagalume que se move no escuro e o toma por um fantasma, depois disso ele vê uma corda e a confunde com uma cobra. Outro homem está falando com seu chefe tarde da noite pelo telefone e sua esposa conclui que ele está sendo infiel.

*A razão pela qual somos incapazes de ver o real como real, a causa do pensamento incorreto e da compreensão incorreta, são nossos samskaras – a bagagem interior que carregamos.*



Em ambos os casos, a realidade das circunstâncias não é enxergada, uma vez que é percebida através dos filtros do pensamento incorreto. Ambos os cenários começam pelo desconhecido: a fonte desconhecida de luz, a identidade desconhecida da corda, a pessoa desconhecida ao telefone. Em todos os momentos, somos confrontados com incógnitas, mas isso não precisa dar espaço para que a ilusão se desenvolva.

Babuji Maharaj identificou a causa desse maya. A razão pela qual somos incapazes de ver o real como real, a causa do pensamento incorreto e da compreensão incorreta, são nossos samskaras – a bagagem interior que carregamos.

*E esse estoque de memórias  
emocionais condiciona nossa  
interpretação dos eventos; é como se  
enxergássemos o mundo através de  
lentes coloridas.*

Os samskaras são impressões de experiências emocionalmente impactantes que ficam arraigadas em nossa consciência e permanecem no subconsciente exercendo uma influência subliminar em nossas vidas, fazendo com que vejamos nossa realidade presente através das lentes de experiências passadas. Nossas antigas emoções e padrões de pensamento tornam-se sobrepostos à realidade presente que, conseqüentemente, torna-se tendenciosa. É esse estoque de memórias emocionais condiciona nossa interpretação dos eventos; é como se enxergássemos o mundo através de lentes coloridas.

Isso me faz lembrar do *Mágico de Oz*, no qual se acreditava que tudo na cidade de Oz era verde-esmeralda, o que era apenas uma ilusão. Oz era como qualquer outra cidade. A ilusão do verde se mantinha porque cada habitante recebia um par de óculos com lentes de cor verde para ser usado o tempo todo, o que lhes dava a falsa impressão de que a cidade estava toda colorida de verde.

Isso era ficção mas, na vida real, nossa visão é igualmente distorcida. Os preconceitos que experimentamos em nossas vidas são piores, pois, ao contrário dos habitantes de Oz, cuja visão era obscurecida por um único par de óculos, temos vários filtros que obscurecem nossa percepção. Um par de óculos pode ser facilmente removido, mas nossos filtros são



*A verdadeira visão imparcial vê as coisas como elas são, sem adicionar ou subtrair nada, sem julgamento ou interpretação a nível emocional. A visão emerge quando todos os filtros desapareceram e nossos shastras identificam esta visão pura como darshan.*

tão profundos que nossa alma os carrega junto à nossa consciência, vida após vida. Os “óculos” que usamos não são de uma única cor, mas de múltiplas tonalidades impregnadas em suas lentes, tornando-as quase opacas. Além disso, estes filtros simplesmente aparecem, sem nenhum aviso prévio. Quando a luz da realidade fica impedida de entrar em nossa consciência, vivemos na escuridão, numa espécie de inferno.

Os samskaras distorcem nossa percepção e nos levam a julgar as coisas como boas ou más. Julgamos certas coisas como belas e outras como feias; umas como santas e outras como profanas. Não percebemos o fato de que a santidade está em toda parte, que a beleza está em toda parte. O julgamento existe nos olhos de quem vê. Nós o sobrepomos à realidade. A verdadeira visão imparcial vê as coisas como elas são, sem adicionar ou subtrair nada, sem julgamento ou interpretação a nível emocional. A visão emerge quando todos os filtros desapareceram e nossos shastras identificam esta visão pura como darshan.

A maioria das pessoas entende darshan em seu sentido limitado, ou seja, vislumbrar uma pessoa santa. Mas muitas pessoas vislumbraram o Senhor Krishna durante sua vida e quase ninguém o viu como ele era. Então, quem tinha seu darshan no verdadeiro sentido? Isso me faz lembrar a declaração de Babuji: “Muitos vêm para me ver, mas ninguém realmente me enxerga.”

Muitas pessoas odiavam o Senhor Krishna, poucos o amavam. Duryodhana o rebaixava, chamando-o de mero feiticeiro. Arjuna o admirava, mas o via de uma forma limitada, como um amigo. Mesmo Radha, com seu imenso amor e adoração por Krishna, não o percebia em toda sua magnitude, como o Senhor do Universo. Cada um tinha uma perspectiva diferente. Ninguém via a verdade por completo.



E isso porque cada pessoa é única. Dos bilhões de pessoas neste mundo, imagine quantas impressões carregamos coletivamente, quantos condicionamentos trazemos ao nosso momento comum na Terra e quantas perspectivas individuais existem. Geralmente, o resultado é a discordância e a desunião.

Entretanto, nem sempre fomos assim. No início, as consciências eram idênticas. A pura visão da realidade era compartilhada por todos. As diferenças foram se instalando a partir de pensamentos equivocados e passamos a criar nossos próprios mundinhos. Babuji descreve esses nossos mundos como ilhas - ilhas que se afastam umas das outras e se afastam da unidade, em direção à individualidade, ao isolamento e à existência movida pelo ego.

O ego, por sua própria natureza, é egocêntrico e busca sua própria sobrevivência. O maior medo do ego é a destruição de sua identidade. De sua perspectiva, até mesmo a morte física é preferível à morte do ego. Preocupado com a continuidade de sua existência, o ego sempre quer se ver, como se olhasse no espelho para garantir que ainda existe.

Como o ego pode enxergar a si mesmo se não possui forma própria? A resposta é que ele se identifica com objetos conhecidos, que são perceptíveis e externos ao conhecedor subjetivo. Apontando para algo externo, ele declara: “Eu sou isso” e fica satisfeito. Desta forma, ele se identifica com a mente, o corpo ou mesmo coisas externas ao organismo humano, como uma cultura, língua, gosto, posses, etc..

Respondendo a uma carta, Babuji certa vez escreveu: “É bom que você goste de receber o *darshana dos maha-purushas* (santos).” Melhor seria tentar conseguir o *darshana* de si mesmo.” Para ter o *darshana* do seu verdadeiro Eu, é preciso abandonar as falsas identidades adquiridas pelo ego. Mas o ego é altamente apegado a suas falsas identidades. Quando elas são ameaçadas, ele pode atacar de forma agressiva. Pergunte-se como você se sente quando algo que você considera fazer parte de você é criticado - sua religião, sua nação, sua comunidade, sua família, etc.. A força desse sentimento é uma pista para a intensidade das identificações do ego - as máscaras da verdadeira identidade.

*Para ter o darshana do seu verdadeiro Eu,  
é preciso abandonar as falsas identidades  
adquiridas pelo ego.*

Egos assertivos são destruidores da unidade. Quando se trabalha em grupo, as pessoas podem querer fazer as coisas de maneira diferente da sua. Se você estiver muito identificado com suas próprias ideias, até mesmo sugestões construtivas de outros lhe parecerão ameaças pessoais. Imagine todos em um grupo adotando um estilo de trabalho do tipo: “ou é do meu jeito ou você cai fora”! Imagine qual seria o resultado! Perspectivas diferentes são saudáveis quando nos mantemos flexíveis e evitamos batalhas de egos.

Um estilo de trabalho egoísta impõe obstáculos ao trabalho do Mestre de fazer de nós condutores da energia divina. Se o fluxo da energia divina encontra resistência dentro de nós, produz-se atrito. Fenômenos como as “sacudidelas ou estremeções” durante a meditação são um sinal de resistência no sistema.

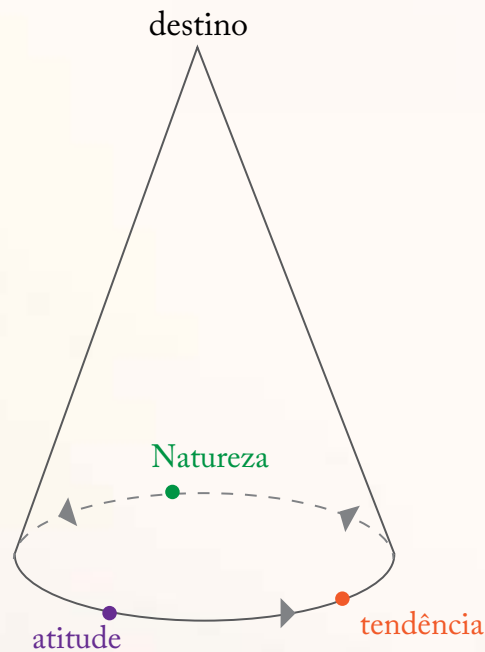
O ego e o samskara são parceiros. Os samskaras se formam quando reagimos emocionalmente. O ego é o elemento reativo em nós, desencadeando a formação do samskara. Por que o ego reage? Ele reage quando uma de suas identificações é reforçada ou ameaçada. Esta reação vem na forma de gostar ou não gostar de algo. A emoção positiva ou negativa produzida nessa reação torna-se então uma impressão.

De modo complementar, os samskaras determinam os objetos com os quais o ego se identifica. Ego e samskara, portanto, são co-criadores de maya, filtrando nossa percepção e distorcendo nossa visão da realidade.

*As árvores do destino individual crescem a partir de sementes samskáricas plantadas no solo do ego. Nossos samskaras geram as intenções do coração, que a mente trabalha para realizar. O funcionamento e as tendências da mente são conhecidos como vrittis. Nossos vrittis, por sua vez, impulsionam nossos pravrittis (tendências). Juntos, vritti e pravritti coloreem nosso prakriti (natureza) com as qualidades dos três gunas—sattva, rajas, e tamas*

As árvores do destino individual crescem a partir de sementes samskáricas plantadas no solo do ego. Nossos samskaras geram as intenções do coração, que a mente trabalha para realizar. O funcionamento e as tendências da mente são conhecidos como *vrittis*. Nossos *vrittis*, por sua vez, impulsionam nossos *pravrittis* (tendências). Juntos, *vritti* e *pravritti* coloreem nosso *prakriti* (natureza) com as qualidades dos três *gunas-sattva, rajas, e tamas*.

De acordo com as qualidades da nossa natureza, continuamos repetindo certas atividades. Um gourmet continua indo a restaurantes. Um surfista continua a perseguir ondas. Um cinéfilo continua indo ao cinema. Tais atividades facilitam o acúmulo de variedades particulares de samskaras, únicas na natureza de cada pessoa. De vida em vida, a atividade incessante e o acúmulo de samskaras dão maior definição à nossa natureza. Isto é o que entendemos como *prarabdha* (destino).



Somos os criadores do nosso destino individual, mas existe também um destino divino, que só pode ser realizado quando dissolvemos nossos mundos criados individualmente e efetuamos nosso próprio *pralaya* individual (dissolução).

É para este fim que o grande Rishi Patanjali ofereceu o caminho do Yoga, através do qual podemos negar os *vrittis*, que de outra maneira desenhariam nosso destino de *forma padrão* e nos manteriam girando na espiral de maya. É o mesmo propósito para o qual Pujya Babuji concebeu os métodos para remover os samskaras que sustentam nossos

*vrittis*. *Chit vritti nirodh* é, em certo sentido, o estado do Yoga. Alimentar nossos *vrittis* nunca nos ajudará, é por isso que é *a-yogya*, não Yoga.

Infelizmente, a tendência do ego é defender sua criação e identificar-se com *vritti*, *pravritti*, *prakriti* e *prarabdha*. Isto torna a mudança difícil. O amado Chariji dizia que um tolo reconhece seus erros apenas em retrospectiva, se é que os reconhece; uma pessoa inteligente percebe seus erros enquanto os comete e uma pessoa sábia vê os erros de antemão e os evita.

Como categorizar uma pessoa que vê seus erros, mas insiste teimosamente que suas ações estão certas? Como uma pessoa assim pode se transformar? Como uma pessoa pode transformar seu *pralaya* individual quando está tão ocupada construindo sua criação? É como o cobre se transformando em ouro; como isso poderá acontecer? Isso talvez explique por que nós, lastimosamente, não conseguimos mudar. Pode explicar também, porque no diagrama dos 23 círculos de Babuji, os anéis do ego sustentam os anéis de Maya.

O Sahaj Marg nos oferece um treinamento profundo para dominarmos um estilo de vida que nos permite realizar tarefas nobres sem formar *samskaras*. É fácil remover a bagagem de *samskaras*. O acúmulo diário de *samskaras* é removido durante nossa limpeza do anoitecer. Os *samskaras* passados desta encarnação são limpos por preceptores durante as sessões individuais. Os *samskaras* de vidas passadas são removidos durante *bhandaras*, durante *satsanghs* de grupo, na presença física do Mestre, e, se o *abhyasi* for devotado, ele chega ao *layavastha*, a qualquer momento.

Prevenir a formação de *samskaras* é mais do que um desafio. Evitar impressões enquanto se vive neste mundo é como evitar o pó de carvão dentro de uma mina de carvão, ou ficar molhado ao caminhar em uma tempestade. Não podemos evitar a chuva, mas podemos nos proteger e evitar de ficar molhados usando uma capa de chuva. O que pode servir de “capa de chuva” para a mente e o coração, para que eles não sejam afetados mesmo durante a agitação emocional? É a capa protetora da *recordação constante que está impregnada de amor pelo Senhor*.

A recordação constante é um tipo único de filtro. Ela filtra as impressões antes que elas manchem nossa consciência. Com sua capa protetora de humildade, a recordação constante filtra o ego e nos livra dos efeitos do preconceito, para que o destino divino permaneça



à vista de todos. Mesmo o mundano e o ilusório se tornam divinos e extraordinários quando nossa percepção permanece profundamente imersa no amor ao nosso Criador. Se Deus é divino, então Sua criação é divina, pois a Fonte e o resultado são um só. Tudo se torna divino.

Com amor e respeito,

*Kamlesh*



*Por ocasião do 122º aniversário de nascimento de*

**PUJYA SHRI BABUJI MAHARAJ**

*29 e 30 de abril, 1 de maio de 2022*

heartfulness™  
advancing in love